

## EXPERIENCIANDO A LEITURA LITERÁRIA EM REDES SOLIDÁRIAS: UMA TESSITURA DE SENTIDOS SINGULARES

### EXPERIENCING A LITERARY READING IN SOLIDARY NETWORKS: A WEAVE OF SINGULAR SENSES

Marcela Afonso Fernandez<sup>47</sup>

Bianca Dias de Souza<sup>48</sup>

Yasmim da Silva Borges Ferreira<sup>49</sup>

#### Resumo

O presente artigo vincula-se ao Projeto de Extensão *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*, desenvolvido na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A partir da realização da experiência círculo de leitura literária, buscamos tecer conversas em redes solidárias e estimular a arte de (con)viver com a alteridade. Articulado aos estudos de Alves (2001), Chartier (1999), Freire (2000), Larrosa (2014), Petit (2009), Santos (2002) e Skliar (2019), o projeto objetiva potencializar nas/nos participantes uma ampliação de sentidos singulares e desautomatizados, bem como ser um convite para viver o agora em meio ao mundo acelerado e complexo que nos rodeia. Um espaço-tempo de escutas e olhares sensíveis, e, ao mesmo tempo, um refúgio acolhedor, democrático e libertador.

**Palavras-chave:** Círculo de leitura. Conversa. Alteridade. Singularidade.

#### Abstract

This article is linked to the Read and Share Extension Project: *solidary training practices*, developed at the Federal University of the State of Rio de Janeiro (UNIRIO). From the realization of the literary reading circle experience, we seek to weave conversations in solidary networks and stimulate the art of (co)exist with otherness. Articulated with the studies of Alves (2001), Chartier (1999), Freire (2000), Larrosa (2014), Petit (2009), Santos (2002) and Skliar (2019), the project aims to enhance the participants' expansion of singular and unautomated meanings, as well as being an invitation to live now in the midst of the fast and complex world that surrounds us. A space time of sensitive eyes and ears, and at the same time, a welcoming, democratic and liberating refuge.

**Keywords:** Reading circle. Conversation. Otherness. Singularity.

---

<sup>47</sup>Doutora em Educação, Professora da Escola de Educação/Departamento de Didática/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). <https://orcid.org/0000-0001-9101-7518> E-mail: [mar.afonsofernandez@gmail.com](mailto:mar.afonsofernandez@gmail.com)

<sup>48</sup>Mestranda em Educação pelo PPGEDU/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). <https://orcid.org/0000-0001-7720-7227> E-mail: [bidiasds@gmail.com](mailto:bidiasds@gmail.com)

<sup>49</sup>Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). <https://orcid.org/0000-0002-9307-2606> E-mail: [yasmimsbferreira@gmail.com](mailto:yasmimsbferreira@gmail.com)

## 1. Um espaço-tempo de pausa, conversa e alteridade

Nossas reflexões emergem das múltiplas vozes e conversas em círculo propostas pelo *Ler e Compartilhar: práticas de formação solidária*, Projeto de Extensão realizado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mediante leituras em voz alta de textos literários, vivenciadas em roda em distintos ambientes, convidamos leitoras(es), professoras(res) em formação, para uma experiência de acordar o agora, nutrir a imaginação, conviver com alteridades sem fim, tomar a palavra e diversificar referenciais acerca da palavravmundo (FREIRE, 2000).

Abrindo picadas e seguindo as trilhas da literatura, o projeto se propõe a contribuir para o despertar da liberdade e da criticidade de pensar e se apropriar da palavra humanamente sentida. Temos como cerne a ideia de que o ato de ler é um processo singular em direção à pluralidade, com a potência de alongar visões, (re)criando sentidos. Ademais, buscamos resgatar a leitura oral, tradição ancestral nascida de narradoras(es) que, em espaços coletivos, de história em história, tentavam compreender o que a natureza trazia com os ventos, e, nesse trajeto, despertavam escutas, modos de ser, viver e transformar o mundo. Construindo uma ponte entre essa oralidade e a cultura escrita, concebemos de maneira ampliada o círculo de leitura, entendendo-o como uma dentre tantas práticas de partilha de histórias, vozes e sentidos culturalmente constituída.

Nosso estudo teórico-metodológico foi sendo delineado através de tessituras compostas desde 2014 nos círculos do projeto com estudantes de Pedagogia, Biblioteconomia, Teatro, entre outras licenciaturas, bem como pesquisadoras(es) e público em geral. A experiência de leitura compartilhada iluminou as escolhas, os caminhos teóricos e literários percorridos, numa trama (re)pensada a cada passo.

Em 2019, o caminho do projeto apontou para a possibilidade de entrarmos na sala de aula e contrariarmos “a ordem natural das coisas” (SKLIAR, 2019) desse espaço marcado pelo tempo acelerado, leituras acadêmicas, conhecimentos objetivos, tarefas utilitárias e cobranças impregnadas pela técnica e o rendimento. Em meio ao excesso de realidade, (re)criamos o *espaço-tempo* da suspensão, da pausa e da ficção, realizando leituras compartilhadas com as(os) estudantes de *Alfabetização, Leitura e Escrita e Literatura na Formação do Leitor*, componentes curriculares do curso de Pedagogia.

Tomando por base a leitura como “apropriação, invenção e produção de significados” (CHARTIER, 1999, p.77), tecemos nosso percurso em redes de solidariedade, pesquisando temas, escritoras(res) e obras oriundos dos interesses das(os) estudantes, curiosos e interessados em ler e se apropriar da pluralidade histórica e sociocultural que nos constitui (FERNANDEZ E SOUZA, 2017).

Em uma roda de carteiras que se aproximam da atmosfera das primeiras comunidades humanas que narravam suas histórias, provocamos desordens do pensamento por meio do saber da experiência gerada pela leitura literária. Juntas(os), lemos autoras(es), cujas obras nos atravessaram e nos aconteceram (LARROSA, 2014) com todos os riscos envolvidos nessa travessia, pois viver é perigoso (ROSA, 1986).

Descobrimos que o gesto-ato de dar a ler e educar os sentidos instaurou outra lógica na relação com a palavra e com o outro. Vivemos “a intensidade do tempo sem cronologias e demandas de proveito, utilidade ou mercadoria” (SKLIAR, 2019, p.107), movidas pelo desejo de estar juntos para, assim, fazer coisas juntos (IDEM, 2019) e, no convívio, aprendermos com as tensões incessantes entre identidades e diferenças.

Olhares e vozes singulares se abriram e se expuseram de igual para igual a partir do gesto-ato de nossas leituras em voz alta. A experiência do agora que a literatura desperta, por sua vez, fomentou o curso humano da conversa subjetiva “para tudo e para nada” (SKLIAR, 2019, p. 93) em que nossas percepções, sensações e rumos foram sendo tramados a cada palavra e partilha. E, no bojo dessas trocas, acordos, desacordos e fragilidades eclodiram amparados por escutas sensíveis.

Observar as(os) participantes do projeto atuando como sujeitos da palavramundo (FREIRE, 2000) significa ir em busca da humanidade que desejamos para a sociedade em que vivemos, engendrada pelos delicados fios da literatura. A conversa é um convite para que cada leitor(a) vá ao encontro de sua singularidade, revolva e renove memórias, (re)descubra sentimentos, desdobre percepções e, paralelamente, vislumbre um possível refúgio para sua necessidade existencial. Dali em diante tudo pode nos atravessar e nos acontecer, desde um calar-se para iniciar uma conversa para dentro ao gesto de tomar a palavra e erguer a voz imprimindo sentidos.

A partir das falas das(dos) leitoras(es), percebemos as reciprocidades, assim como um progressivo resgate da autoestima, das emoções e de princípios solidários, tão essenciais para resistirmos ao hoje que tanto nos afeta. Nesse movimento de (re)criação

pensada, sentida, ouvida e vivida, no espaço da sala de aula e em tantos outros que desenvolvemos o projeto, o saber da experiência visa “substituir o objeto-para-o-sujeito pela reciprocidade entre sujeitos” (SANTOS, 2002, p. 83). Essa mutualidade embalada pela literatura revelou a importância da alteridade na formação humana.

[...] ocorre que toda e qualquer conversa presente em um romance, em um conto ou em um relato tende à narração do gesto de diferir duas ou mais pessoas, duas ou mais consciências, duas ou mais idades, dois ou mais corpos. Esse é o estranhamento – nascido do aparentemente comum, do ordinário – que faz da ficção uma verdadeira necessidade humana (SKLIAR, 2019a, p. 100).

A conversa estimulada pela leitura compartilhada e o encontro com a alteridade criou uma atmosfera de igualdade e, ao mesmo tempo, de diferença perante o dito e do não dito de cada uma(um), que, pouco a pouco, desaguou na escrita. Trata-se de um processo de reencontro com a própria voz, exprimi-la em palavras e, em meio às fragilidades e potências, se autonear.

## 2. Meus sentidos: a escrita que transborda das conversas

O círculo de leitura *Ler e Compartilhar* recebe pessoas de origens, idades e histórias distintas, o que potencializa cada trama vivida entre leitor(a)-literatura em grupo. Nos encontros com as(os) estudantes de *Alfabetização, Leitura e Escrita e Literatura na Formação do Leitor*, ocorridos uma vez por mês ao longo do ano de 2019, atuamos como leitoras-guia, mediando roteiros literários criados, de acordo com os interesses e escolhas de cada turma. Cora Coralina, Conceição Evaristo, Ryane Leão, Francisco Gregório Filho, Daniel Munduruku, entre outras(os) escritoras(es) e temas, como *Poesia Slam*<sup>50</sup>, povoaram a sala de aula a partir de leituras em voz alta, abrindo múltiplas camadas interpretativas para que cada leitor(a) alçasse seu próprio voo e singularizasse sua teia de sentidos.

Para nós, a mediação com vistas a aproximar o(a) leitor(a) da literatura é de ordem cultural e política, criando condições para que ele(a) se aproprie da língua e teça uma leitura crítica e ativa do lido, da ficção e da realidade. Além disso, é uma experiência que aguça o

---

<sup>50</sup>A poesia Slam ou PoetrySlam ocorre no encontro em periferias, onde poetas recitam e performam seus escritos originais numa competição com júri, que pode ser composto pela própria plateia presente. Um estilo poético falado/oralizado, que aposta no rompimento de padrões elitistas e academicistas, ressaltando a voz crítica da favela.

que há de humano em cada sujeito, despertando o mundo interior, o valor poético e a identidade que o constitui (PETIT, 2009).

Ao final de cada círculo, distribuímos aos participantes, uma folha denominada *Meu(s) sentido(s)*. Nela, as(os) estudantes podem escrever (versos, poesias, frases de efeito, etc.) e desenhar, ou seja, se expressar livremente e como desejarem, sem a necessidade de se identificarem e, caso queiram, podem ler e mostrar para o grupo suas criações.

Que sentidos transbordam dessas conversas? Se a leitura literária nos atravessa e nos acontece (LARROSA, 2014), o que esses registros narrativos escritos<sup>51</sup> das(os) estudantes revelam a respeito dos impactos e ressonâncias provocados por essa partilha de vozes, percepções e sensações?

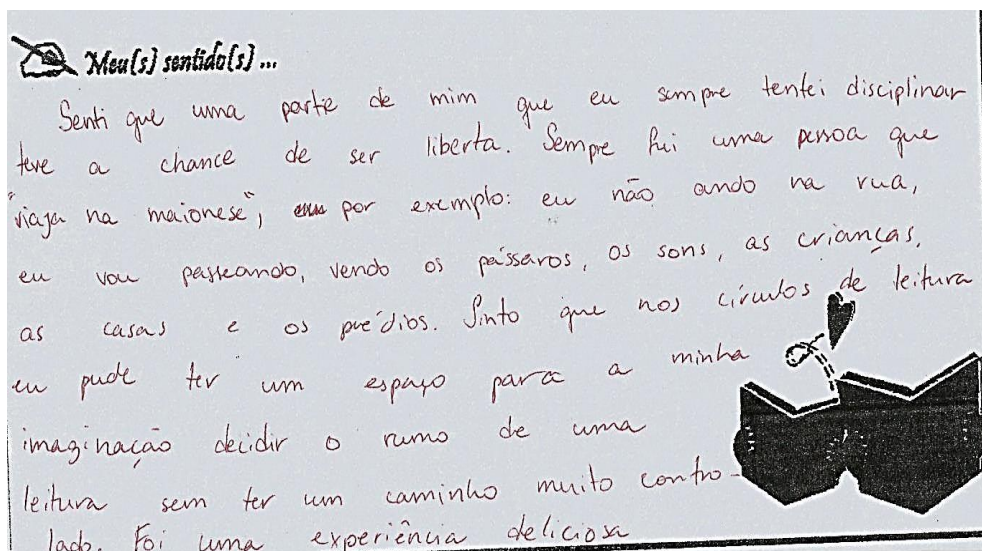


Figura 1 – Registro/Sentido Narrativo da(o) Leitor(a) 1

Trilhar caminhos sem fechamentos e imposições, perceber a liberdade de voar através de diversas histórias, adquirir asas literárias, essas que despertam as ações humanitárias e mobilizam olhares para a realidade à nossa volta e as escutas de múltiplas vozes, “requer um gesto de interrupção” (LARROSA, 2014) e, também, a sensibilidade para deixar-se afetar pelo que nos atravessa.

<sup>51</sup>Os conteúdos desses registros enriquecem nossas reflexões e pesquisas e são divulgados em trabalhos e eventos acadêmicos, de acordo com a concordância de cada estudante.

Acreditamos que a partir da leitura literária seja possível exercitar o imaginário, percorrer e transformar realidades, (re)criar alternativas, desafiar as automaticidades e descobrir o singular. Ao mesmo tempo, esta experiência torna possível a exteriorização das sensibilidades, o resgate e/ou (re)conhecimento do que é autêntico, desafiando barreiras sociais, históricas e culturais impostas, pelo gesto-ato de liberdade consigo mesmo e com os outros.

Viajar pela literatura, assim como permitir-se viajar pelas diferentes paisagens presentes nos rumos que percorremos todos os dias sugere a abertura para a fruição, para deixar-se experienciar pelo sensível (sons, sabores, cores, cheiros, texturas, etc.). Ao folhearmos páginas e mais páginas de um livro, lendo-o em voz alta para si ou para alguém, transportamo-nos para lugares distintos, intensificando o momento presente, lançando-nos a um modo de ver a vida guiados pela imaginação, ao resgate do prazer que a arte de ler pode promover.

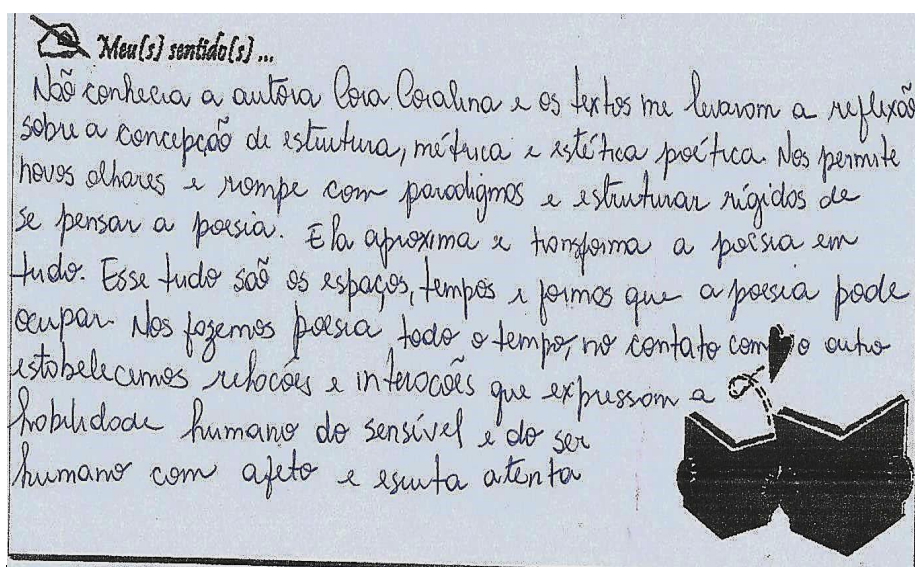


Figura 2 – Registro/Sentido Narrativo da(o) Leitor(a) 2

O encontro de espaços-tempos para se viver o agora pela literatura que nos atravessa e a alteridade que nos afeta nos abrem para quais possibilidades? Quiçá denunciem o nosso andar na corda bamba de um momento acelerado onde poucas vezes nos propomos a parar, refletir, questionar o próprio pensamento e enxergar/reconhecer uma outra identidade/singularidade já existente.

Porventura, em um vaivém literário, (re)contamos, (re)escrevemos e exploramos as mais diversas possibilidades de narrativas, ecoamos vozes e palavras e tecemos redes solidárias de olhares, sentimentos e devaneios. Uma (re)construção poética ancorada no coletivo, que nasce da troca de impressões, expressões e sensações.

Nos encontros, desencontros, reencontros e imprevisibilidades da vida cotidiana estamos emaranhados com a poesia que costuramos no dia a dia. A arte rodeia e permeia nossas relações com o outro, apontando-nos para a importância de suspender o tempo, de nos permitir o ócio, contemplando o lado sensível que nos habita, necessidade vital que reaviva criatividade e potencialidades reprimidas pelo relógio que continua sempre a apontar e girar sem retrocesso.

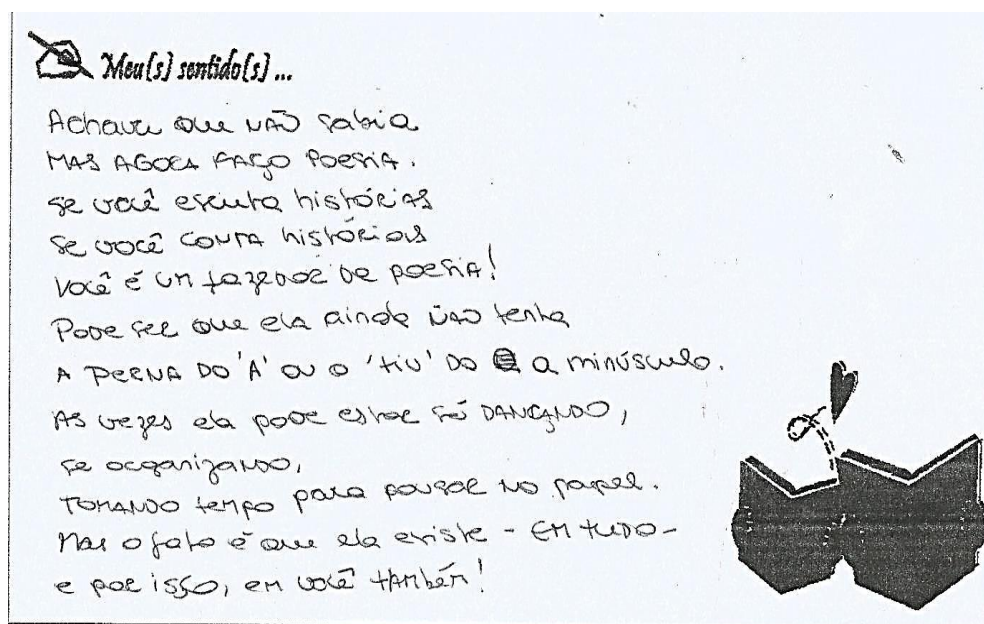


Figura 3

– Registro/Sentido Narrativo da(o) Leitor(a) 3

Em cada registro dos sentidos percebemos que somos sujeitos de histórias de vida distintas, inseridos num contexto social que carrega bagagens multiculturais, pluriversais e pluriétnicas. Essa experiência enfatiza a necessidade de reaprendermos o encantamento que o ato de ler pode despertar a partir de um movimento que se dá no coletivo pela escuta aberta e acolhedora.

Ao resgatarmos costumes de nossos ancestrais, reiteramos o valor da oralidade ecoada a partir do simples convite para estar juntos, de sentar em roda e ouvir fatos vividos, sabedorias construídas em temporalidades distintas que unem, irmanam e afetam a si e o todo. Afinal, o corpo fala e a natureza fala em conversas surgidas em ruas, balcões, salas de aula e em tantos lugares por onde passamos. A poesia ressurge, pois as diferentes histórias são recontadas e compartilhadas, mantendo reavivada a chama literária que nos singulariza e vincula ao mundo.

Valorizamos a leitura crítica da palavramundo advinda de diversas visões, referenciais e conhecimentos subjetivos. Quando lemos, descobrimos outras vidas, mundos exteriores a nós e percebemos que não “há destinos traçados de antemão” (SKLIAR, 2019, p. 52). É a partir desse estranhamento que cada um(a) tem o potencial de se tornar autor(a) de sua própria vida, conversando com o outro, expressando o cotidiano experienciado e pulsando diferenças.

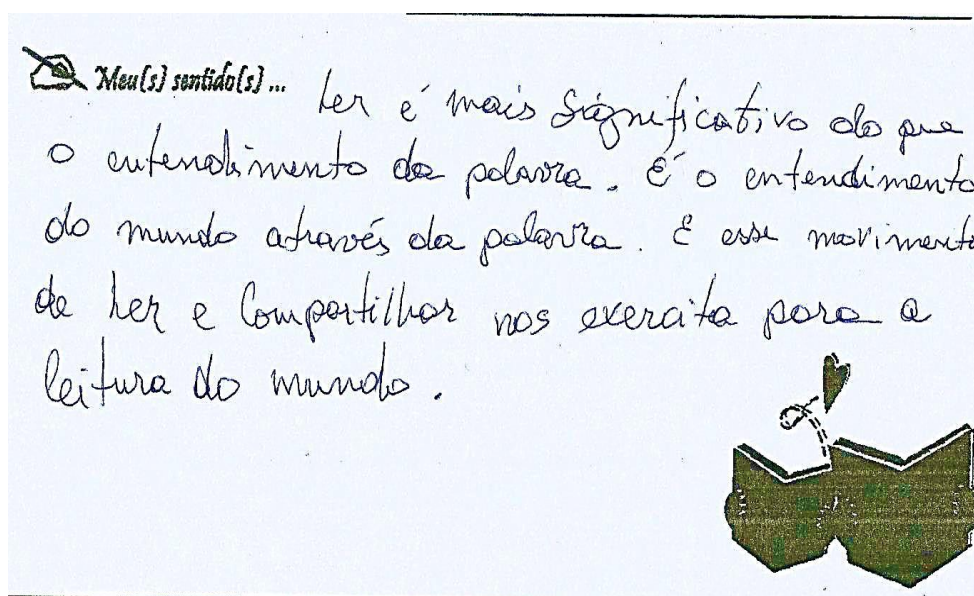


Figura 4 – Registro/Sentido Narrativo da(o) Leitor(a) 4

No projeto, refletimos a respeito da complexidade que cada um(a) vive dentro de si. Salientamos que uma formação humana nasce de uma conversa com a vida e o mundo valorizada por ações educativas alicerçadas em princípios participativos, colaborativos, alteritários e de liberdade. Nessa trama entre singularidades e pluralidades, desvelada pela



literatura, o outro torna-se cada vez mais o sujeito de seu conhecimento e não mero objeto. “Saber captar as diferenças, superando a indiferença (pelo outro) aprendida, exige um longo processo no qual cada sujeito ‘conta’” (ALVES, 2001, p. 28).

Nessa perspectiva, cada ser é único e pode agregar conhecimentos ao interagir com o coletivo. Mais do que ler o código escrito, as sinalizações prescritas e responder às demandas do cotidiano escolar e acadêmico, o exercício de explorar não apenas o mundo de fora, mas o de dentro, provoca releituras de experiências positivas e/ou negativas que nos constituem, nos enredam, fazendo-nos ressignificar estradas rumo ao aprendizado dos diferentes saberes, princípios, culturas e vozes.

### **3. Um convite para um início sem fim: ler juntos**

Quando articulamos pesquisa, ensino e extensão, buscamos repensar formas e apostas para atuar com a comunidade acadêmica, com a sociedade e a educação como um todo. Também refletimos sobre a nossa responsabilidade de tessitura de um conhecimento senti-pensante num contexto tão conturbado como o que estamos vivendo. Fazer ciência no cotidiano significa compreender que somos seres relacionais, que aprendem com o outro e as diferenças, levando em conta as subjetividades e complexidades de cada um(a).

Pelo viés da literatura, o *Ler e Compartilhar* se propõe a ser disseminador dessa compreensão, ressaltando a importância do pensamento livre que transborda da conversa e do encontro com alteridades. Em roda, propiciamos a cada participante a oportunidade de se (re)descobrir enquanto ser único, expressar seus anseios e libertar suas reflexões. Ao mesmo tempo, salientamos que somos parte do ambiente, passíveis de transformá-lo e/ou recriá-lo.

Sendo o nosso principal fio condutor, a leitura literária revela que toda essa experiência “não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido” (LARROSA, 2014, p.34). Uma travessia que busca, coletivamente, captar as reciprocidades, tendo o gesto-ato de conversar com o outro e a criticidade acerca da palavramundo como alicerces.

Os registros nas folhas *Meu(s) sentido(s)* demonstram uma notável tomada de consciência impregnada pelas marcas singulares de cada leitor(a), cujo ponto de vista entrelaçando memórias pessoais e sociais, desvelam um exercício de pensar e, neste, de se (re)encontrar. Elucidam, também, os percursos do texto literário experienciado, subjetivado, enquanto mola propulsora para exercitar o estranhamento e, deste modo, colaborar no intuito de nos encorajar mutuamente, apontando para a formação de sujeitos desautomatizados, críticos e engajados.

Ressaltamos que a conversa nutrida pela literatura compartilhada, geradora dos sentidos, pode ser compreendida como uma estratégia formativa de múltiplas vozes, percepções, sentimentos, trajetórias. Uma política educativa extensionista que (in)forma e (trans)forma humanizando em prol do cotidiano universitário e da vida.

Em concordância com Alves (2001), valorizamos modos coletivos de tecer saberes, não apenas abertos para observar e reproduzir o que se passa, mas, sobretudo, o que nos passa e aprender com as diferenças: captando e sentindo o momento presente, atravessando-nos e indo além do pensamento hegemônico predominante. Reiteramos, portanto, a relevância da alteridade no processo de leitura sem fim de mundo e da palavra, essencial na trama de sentidos que nos constitui e potencializadora da formação de uma sociedade cada vez mais acolhedora, solidária, plural (emaranhando todas as singularidades), consciente e livre.

## Referências

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p.13-38.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FERNANDEZ, Marcela Afonso; SOUZA, Bianca Dias de. Ler e compartilhar sentidos para formar estudantes-leitores. In: **Revista de Estudios e Investigación em Psicología y Educacion**. 2017, Vol.Extr, No. 06.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2000.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PETIT, Michèle. **A arte de ler - ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da Experiência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

Data do envio: 14/04/2020

Data do aceite: 19/05/2020.